

## **A ROMANTIZAÇÃO DA MATERNIDADE NO AUTISMO - UM OLHAR PARA A REALIDADE VIVENCIADA POR MÃES DE CRIANÇAS AUTISTAS**

**Camila Cristina da Silva Corrêa<sup>1</sup>**  
**Laura de Oliveira Veloso do Carmo<sup>1</sup>**  
**Luana Aparecida de Sousa Gomes de Paula<sup>1</sup>**  
**Thais Cornélio Pinheiro<sup>1</sup>**  
**Sirlon Martins da Silva<sup>2</sup>**  
**Fernanda Bicalho Pereira<sup>3</sup>**

[fernandabicalhopereira@gmail.com](mailto:fernandabicalhopereira@gmail.com)

**ÁREA DO CONHECIMENTO:** Ciências da Saúde

**RESUMO:** A pesquisa teve como objetivo investigar e compreender as vivências das mães de filhos autistas, ou seja, que possuem um transtorno do neurodesenvolvimento em diferentes níveis que afeta a questão cognitiva, social e a comunicação, evidenciando a necessidade de apoio psicológico a estas mães. O estudo constitui de uma pesquisa qualitativa com a utilização de entrevistas semiestruturadas e analisadas conforme a Análise Textual Qualitativa, realizadas com 3 mães com filhos na faixa etária infantil e adolescência que apresentam diagnóstico de autismo. Os resultados indicam uma experiência desafiadora para as mães em sua rotina diária. A sobrecarga materna evidenciou-se nesse contexto, pois estas mulheres renunciam à carreira profissional, à vida social e às relações afetivas em prol dos cuidados maternos com carga estressante, alta demanda de cuidados e ausência de apoio social. Contudo, surgem sentimentos como incerteza, insegurança, tristeza e desamparo. Diante disso é necessário proporcionar a estas mães um espaço onde elas possam ser escutadas, trocar experiências e amenizar suas angústias. Enfim, destaca-se que a psicologia pode contribuir para a preservação da saúde mental destas mulheres, ajudando-as a melhor viver a maternidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** autismo; mães; experiências maternas.

### **INTRODUÇÃO**

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX. Matipó-MG.

<sup>2</sup> Psicólogo. Especialista em Educação Inclusiva, Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar e em Neuropsicopedagogia. Professor do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX. Matipó-MG.

<sup>3</sup> Psicóloga. Mestre em Enfermagem. Professora do Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX. Matipó-MG.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), de acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM - V (2014), é um transtorno do neurodesenvolvimento que podem ser retratados em comportamentos repetitivos e restritivos, além da dificuldade de comunicar e interagir socialmente.

Sendo assim, é necessário o apoio tanto para a pessoa com TEA quanto para as mães ou cuidadoras, porém, nota-se, em materiais de estudos e discussões de vários autores, o foco muitas vezes centralizado na pessoa com Autismo e pouco se fala a respeito das mães/cuidadora. A expectativa seria que estas, que acompanham direta e diariamente a rotina de seus filhos, suas dificuldades e desafios, fossem vistas com um olhar mais empático, realista e sem julgamentos (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010; NAJARSMEHA; CEZAR, 2011; ZANATTA; GUIMARÃES; FERRAZ; MOTTA, 2014), mas na realidade, o meio em que eles se encontram, não lhes possibilitam acessibilidade, apoio ou se quer uma escuta adequada.

Baseado nisso, lê-se, pois, como nocivas as consequências que podem surgir desse desamparo e solidão enfrentados pelas mães. Os efeitos podem ser psicológicos e corporais, e prejudicá-las em vários âmbitos da vida. Outro ponto relevante seria a dificuldade em trabalhar, pois não se encontra com facilidade alguém que possa substituí-la nesse período (MORAES; BIALER; LERNER, 2021).

Ademais, desde os primórdios, onde as mães eram vistas como responsáveis pelo nascimento dos filhos com TEA, até os dias atuais, ainda perduram atitudes e ações preconceituosas frente à sociedade, além das dificuldades encontradas no dia a dia, incluem-se as dificuldades frente à família e/ou amigos, nos quais, muitas vezes, não oferecem ajuda ou até mesmo se afastam por terem visões distorcidas a respeito de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (MORAES; BIALER; LERNER, 2021).

Diante do apresentado, o objetivo desse artigo é analisar a experiência das mães de crianças autistas. Tais estudos são importantes para abrir espaço para as

mães mostrarem suas experiências e ampliar o olhar para a necessidade de se falar sobre o assunto, expandir os meios de apoio e conscientizar a população sobre respeito, empatia e acolhimento.

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

O transtorno do Espectro Autista, também conhecido como TEA, tem como definição uma falha neurológica dando assim uma incapacidade da criança de se relacionar com as pessoas e com o mundo em si, e isso vem se apresentando desde o começo da vida desse indivíduo, dificultando sua cognição, em alguns casos comprometimento da fala e de interação social (VOLKMAR; WIESNER, 2018). O TEA compartilha sintomas centrais no comprometimento de três áreas específicas do desenvolvimento: *déficits* de habilidades sociais, *déficits* de habilidades comunicativas (verbais e não verbais) e presença de comportamentos, interesses e/ou atividades restritos, repetitivos e estereotipados (GENEVA, 1992.)

Contudo, destaca-se a importância da evolução teórica a respeito do autismo, pois desde meados da década de quarenta, quando o psiquiatra Leo Kanner formalizou a categoria nosológica do autismo, relacionando na gênese a relação mãe-bebê, as mães foram culpabilizadas pelos filhos nascerem com TEA, a justificativa era de que as mães eram "frias" no período gestacional, surgindo o termo "mãe-geladeira". "A expressão 'mãe-geladeira', embora questionada, nos leva a analisar criticamente e de forma ética os posicionamentos em relação aos estudos sobre crianças com TEA e suas famílias. Lê-se, pois, que é de extrema necessidade dar atenção e cuidados àqueles que seguirão cuidando (MORAES; BIALER; LERNER, 2021).

Se antes os pais – e em particular a mãe – eram vistos como culpadas pelo autismo da criança, agora as questões familiares não deixam de ser consideradas na etiologia do autismo, mas os pais passam do lugar de culpados ao lugar de pessoas a serem escutadas e incluídas no tratamento de seus filhos (MORAES; BIALER; LERNER, 2021, p. 4)

Nesse sentido, Merletti (2018) aponta para a importância de cuidar de quem cuida das crianças com TEA, que normalmente estão em geral sobrecarregados por sentimentos conflitantes e aflições em função do impacto do diagnóstico e dos inúmeros desafios vivenciados e enfrentados no cotidiano. Percebe-se, pois, o quão importante é acolher a família e a criança com uma escuta ética diante dos sofrimentos apresentados (MORAES; BIALER; LERNER, 2021).

Crianças com TEA enfrentam dificuldades para a realização de tarefas comuns, próprias a cada fase de desenvolvimento, aumentando a demanda por cuidados e, conseqüentemente, o nível de dependência de pais e/ou cuidadores. As famílias de crianças autistas, deparam-se com um grande desafio em organizar seus planos diários até as expectativas futuras a essa nova condição, tendo que se adaptar a constante e cansativa prestação de cuidados especiais às necessidades do filho (CHRISTMANN; MARQUES; ROCHA; CARREIRO, 2017).

Para Andrade e Teodoro (2012), na presença dos sintomas de Autismo, o ambiente familiar sofre modificações em sua rotina e o clima emocional no qual se vive é transformado. Assim, a repercussão das dificuldades específicas ao Autismo sobre a família vai depender de uma complexa interação entre a gravidade dos sintomas da criança e as características psicológicas dos pais. A criança autista exige cuidados especiais que sobrecarregam esses pais, afetando todos os membros familiares, causando estresse diário, reduzindo as interações sociais, além do impacto financeiro.

O diagnóstico de uma criança com deficiência ocasiona uma realidade nova para a família, especialmente entre os pais. A doença ou a deficiência pode ser vista como um fator estressante afetando a rotina e as relações entre os seus membros. É a partir de um diagnóstico inesperado de síndrome/doença crônica, que a família passa a sofrer contínuas adaptações a fim de suprir as necessidades da criança. (PINTO *et al.*, 2016).

Fica muito mais fácil o trabalho desta nova rotina familiar quando a família aceita a criança. A aceitação da criança autista pela família minimiza o impacto do diagnóstico assim como permite que as relações familiares tornem mais sólidas,

especialmente entre os pais e irmãos. São necessárias algumas adaptações nos papéis dos membros sobretudo na divisão de tarefas com os cuidados da criança, onde toda a família deve se mobilizar para dar conta das responsabilidades. Mas na maioria dos casos os cuidados recaem sobre a figura materna (PINTO *et al.*, 2016).

É explícito o quão os pais se esforçam para entender os comportamentos dos filhos mesmo que, naquele momento, pareçam ilógicos. “O autismo dos filhos impacta a vida familiar e, nesse sentido, a necessidade de suporte e acolhimento é não só das crianças como também das famílias.” (MORAES; BIALER; LERNER, 2021, p. 8). Ou seja, não se trata somente em pensar nas causas do autismo, mas também de quem acompanha e cuida da criança em seu dia a dia, as dificuldades enfrentadas frente às questões sociais, políticas e econômicas e os inúmeros impactos na vida dos cuidadores, afetando, pois, a qualidade de vida de quem cuida e de quem está sendo cuidado.

Eventualmente, quando se espera um filho, a família organiza todo o ambiente onde a criança será inserida e sua participação nele, desde a expectativa pelo sexo e a escolha do nome, até a decoração de seu quarto. Mas provavelmente, o diagnóstico de uma deficiência ou transtorno mental não são esperados. Então, conseqüentemente, a família não se encontra preparada para recebê-la com características especiais. Cuidar de uma criança com algum transtorno crônico tem implicações sobre a qualidade de vida da família, especialmente as mães. O desejo fantasiado da criança ainda em gestação precisa se adequar a um filho que nasce com características próprias (alterações na socialização, comunicação e cognição) necessitando, portanto de suporte emocional e assistência adequada para cuidar. Essas peculiaridades alteram a dinâmica familiar, exigindo das mães cuidados e períodos prolongados de dedicação. Nesse sentido, a sobrecarga emocional destas mães surge como um dos principais desafios a serem enfrentados (PEREIRA; BORDINI; ZAPPITELLI, 2017).

Estudos apontam que o baixo nível de escolaridade materna pode ser um fator que influencia negativamente o impacto do diagnóstico de autismo e os cuidados com o filho, repercutindo negativamente no contexto interativo com a criança (HALPERN, 2000; SEIDL DE MOURA, 2004). Quanto maior o nível de escolaridade da mãe, mais recursos ela terá para colaborar para o desenvolvimento de seu filho, bem como melhor conhecimento acerca seus direitos e de seu filho. Rosenberg (2011) afirma que, o maior nível de cognição materna relaciona-se significativamente com o diagnóstico precoce do TEA, quanto mais anos de estudo da mãe, mais precocemente seus filhos são diagnosticados. O que possibilita o quanto antes, uma intervenção no tratamento de seu filho, de modo a promover tanto a ele, quanto a família, uma melhor qualidade de vida.

A mãe, ao se deparar com o desconhecimento acerca do transtorno do filho, não é capaz de nortear suas atitudes e condutas em relação aos cuidados prestados a ele, sentindo-se despreparada para lidar com o problema do filho. Diante disso, existe uma necessidade de oferecer para estas mães, mais informação sobre o TEA, facilitando assim sua compreensão, de forma que a mesma aprenda a lidar com as dificuldades do dia a dia, uma vez que após o diagnóstico, toda a vida dessas mães será completamente modificada (MOREIRA, 2010).

A situação de baixa renda familiar torna inviável a contratação de profissionais qualificados necessários para o tratamento da criança ou até mesmo de profissionais que auxiliem nos cuidados diários com o filho, em contrapartida, o alto poder aquisitivo possibilita um maior acesso aos serviços de saúde e educação (FÁVERO-NUNES; SANTOS, 2010). Levando em consideração a situação de baixa renda de muitas famílias, percebe-se que por esse motivo, muitas crianças não chegam a receber um diagnóstico, pelas dificuldades em ter acesso à profissionais qualificados para fazê-lo. Enquanto outras, mesmo com o diagnóstico, não conseguem ter acesso ao tratamento.

Oferecer um acolhimento adequado aos pais cujo filho (a) teve diagnóstico do TEA é necessário e importante. Isso pode facilitar o enfrentamento do diagnóstico e permitir uma passagem mais rápida pelos estágios de luto, que constituem uma sequência relativamente previsível de fases.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa, embasada em estudo de campo, além do procedimento indutivo e abordagem de caráter descritivo - que segundo Gil (2017) buscam levantar a opinião, atitudes e crenças de uma população.

Para alcançar o objetivo do estudo, foram convidadas 3 mulheres, mães de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), residentes em municípios da Zona da Mata Mineira. Tratou-se de uma amostra de conveniência, sendo o convite realizado às mulheres que fazem parte do círculo de convivência das autoras do presente estudo. As participantes foram informadas quanto aos objetivos e procedimentos da pesquisa, e, após o esclarecimento das dúvidas, referendaram o interesse em participar do estudo por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de autorização para uso de imagem e som da voz.

Enquanto instrumento de coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada, de forma presencial, em local e horário escolhidos pelas participantes da pesquisa. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Para a realização das entrevistas seguiu-se todo o protocolo de segurança recomendado pelo Ministério da Saúde para a prevenção contra a Covid-19, quais seja, a manutenção do distanciamento de pelo menos um metro e meio entre entrevistadora e entrevistada, uso de máscara, não compartilhamento de caneta ou outros utensílios e higienização das mãos.

Contudo, no que se refere ao caráter ético, foram seguidas as determinações da Lei 466/2012.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A partir da análise das transcrições das entrevistas, emergiram 3 categorias, que serão analisadas a seguir.

A primeira categoria refere-se ao primeiro contato da mãe e da criança com o diagnóstico do autismo. Para duas das entrevistadas, o momento do diagnóstico lhes trouxe esclarecimento a respeito de características observadas na criança, que antes, não eram compreendidas.

“ [...] É porque assim, antes de eu descobrir foi bem difícil, sabe? Porque eu via o estado dele, ele ficava muito nervoso, ele não dormia bem à noite, ficava muito agitado, ele começou a falar e de repente parou, aí eu fiquei sem saber o que fazer, foi até então que aí eu levei ele no pediatra e o pediatra suspeitou que poderia ser o autismo e encaminhou para a neurologista.” (Mãe1)

“No começo foi muito difícil! Até cair a ficha demora um pouco rs. [...] Quando veio o diagnóstico, foi como uma bomba.” (Mãe 3)

Essas mães passam por um processo que vai desde a resistência inicial até perceber a diferença e afirmá-la para si, visualizando o contraste existente entre o filho sonhado e o filho real e entendendo que essa criança, em decorrência de suas limitações, não poderá ser conforme ela esperava (SMEHA; CEZAR, 2011). Portanto, o momento do diagnóstico é de grande importância tanto para a mãe, que passa a compreender as características que observava em seu filho, quanto para a criança, que a partir daí, iniciará o seu tratamento com os profissionais adequados para acompanhá-la. Mas apesar disso, faz-se necessário que estas mães tenham um tempo para se adaptar à uma nova realidade.

Na segunda categoria, referente ao acompanhamento multidisciplinar, tanto para a pessoa com TEA, quanto para as mães (psicólogo, pedagogo, fonoaudiólogo, etc), duas das três mães responderam que não recebem este acompanhamento e uma afirmou fazer acompanhamento pelo menos com alguns profissionais.

“Não, não, ele estava tendo até o ano passado...ele estava tendo o atendimento na APAE, né, com fonoaudióloga e a terapeuta, porque a psicóloga nem estava atendendo, aí a fonoaudióloga, no caso, suspendeu ele e...porque até ela queria que eu levasse no neuropediatra mas aí eu falei... aqui em Raul não tem neuropediatra e pra gente sair daqui pra ir pra Ponte Nova por exemplo, ela atendia em Viçosa, então no caso o acompanhamento sairia muito caro, né, então...aí ela suspendeu ele[...]" (Mãe 1)

“No RJ ela tinha! Consulta com a neurologista que acompanhava ela de dois em dois meses e Terapia ocupacional duas vezes na semana. A neuro acompanhou desde bem pequena, mas a Terapia Ocupacional eu só consegui quando ela já estava com 8/9 anos. Briguei muito para conseguir, mas aqui ainda não tem acesso nem ao neuro. E como não tenho condições de pagar particular, sigo na luta para conseguir acompanhamento” (Mãe 3)

“ Meu filho faz acompanhamento com a fonoaudióloga na Apae onde estuda” (Mãe 2)

De acordo com Lovato *et al.* (2018) o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma alteração perdurável por toda a vida, onde há importância e necessidade de tratamento interdisciplinar e especializado contínuo independentemente da gravidade do quadro do indivíduo. Conforme os relatos das mães, é uma constante luta a intensa busca por profissionais capacitados para os cuidados com as crianças autistas e somente as mães atípicas conhecem as reais dificuldades que precisam enfrentar diariamente.

Na sequência, as mães foram questionadas a respeito do acesso ao acompanhamento multidisciplinar que lhes auxiliasse nos cuidados diários com seu filho. As três entrevistadas afirmam que não possuem acompanhamento psicológico oferecidos de forma gratuita atualmente, visto que a Mãe 2 nunca obteve acesso a esse apoio:

“Nunca tive acompanhamento psicológico” (Mãe 2)

Segundo Semensato e Bosa (2013), a rede de apoio é fundamental no que diz respeito a reestruturação familiar, para lidar com o diagnóstico e as prováveis intervenções. No que se refere a fala da Mãe 2, Semensato e Bosa (2013) evidencia a importância da rede de apoio para cuidados necessários, nesse caso, às mães de

crianças com autismo que necessitam de acompanhamento psicológico e suporte para enfrentarem às dificuldades, visto que a falta de tal apoio pode acarretar em consequências tanto para quem cuida quanto para quem está sendo cuidado.

Ademais, quando questionadas sobre o(s) motivo(s) pelos quais não possuíam tal acompanhamento psicológico atualmente, observamos que as respostas que se destacaram foram das mães 3 e 1, dado que apresentaram a falta de suporte do SUS, de informações e profissionalismo em instituições como APAE, por exemplo:

“Falta de suporte, falta de profissionais. O SUS ainda não oferece o suporte necessário, e o que tem a lista de espera é enorme, acaba não atendendo todas as pessoas que necessitam desse suporte.” (Mãe 3).

“No caso aí, igual eu falei, eu não entendo porque que elas pararam o atendimento. Na minha opinião, elas também não estavam sabendo lidar com isso porque...com o autismo no caso, porque meu filho foi suspenso porque ela disse que não estava conseguindo fazer nada com ele porque ele estava desorganizado, né, então assim eu acho que mais é falta de informação, falta de profissionalismo também... e no caso dos pais eu não entendo bem o porquê, porque na minha opinião eu acho que é falta de profissionalismo, porque tanto as crianças como as mães precisam de um atendimento psicológico porque lidar com o autismo...a pessoa que vive ali no meio sabe que não é fácil, né, então assim, não só eu mas tem outras mães aqui que sentem mais necessidades, né, a gente tinha um grupo de reunião então uma vez no mês as mães se encontravam ali para cada um tá expondo as suas dificuldades, aí de repente cortou tudo, parou tudo, aí já não teve mais grupo de mães, já não teve mais a psicóloga...” (Mãe 1).

Conforme Oliveira (2015) apresenta, apesar dos inúmeros casos de autismo no país, ainda há grande sofrimento para encontrar um tratamento adequado. De forma análoga às falas das mães 1 e 3, e em conjunto com o que foi apresentado por Oliveira (2015), entende-se que ainda que haja milhões de Diagnósticos de Autismo no Brasil, os brasileiros com TEA encontram barreiras ao buscarem atendimento, principalmente na rede pública, o que pode prejudicar os possíveis progressos no tratamento.

Das mães entrevistadas, somente a mãe 2 expôs nunca ter procurado apoio psicológico para ela, enfatizando sua busca de suporte na fé e relatando a falta do apoio familiar:

“No meu caso, nunca procurei, sempre busquei meu suporte na fé, e até hoje é o que tem me ajudado. Mas se precisar, imagino que meu principal complicador será a falta de apoio familiar, pois não tenho com quem deixá-lo para poder cuidar de mim” (Mãe 2).

De acordo com Madeira (2014), o apoio da família extensa pode ajudar na adaptação ao TEA. Porém, é comum os familiares terem dificuldades em aceitar e/ou negarem o diagnóstico da criança. Sendo assim, percebe-se pela fala da Mãe 2 e do autor Madeira o quão difícil é, em diversos casos, as famílias aceitarem o diagnóstico da criança e darem apoio às mães nos cuidados com os filhos, o que pode impedir e/ou diminuir a atenção consigo, principalmente na busca de apoio psicológico que é tão necessário.

E quando questionadas a respeito dos ganhos observados pelas mães que não possuem apoio profissional, caso houvesse acesso a esse acolhimento, não só psicológico mas, de um fonoaudiólogo, da assistência social, tanto para o filho quanto para a mãe, todas afirmaram que haveria uma melhora significativa em suas realidades.

“No caso por exemplo se tivesse atendimento melhora porque no caso é...igual tinha por exemplo o grupo de mães uma vez por mês então cada um dispunha suas dificuldades, ali conversava, trocava experiências, né, e isso é muito importante porque sempre assim quando eu por exemplo encontro com outra mãe de autista eu acabo aprendendo alguma coisa e passando alguma coisa, no caso, do que eu sei. Então assim, ajudaria muito no caso as mães tendo um apoio psicológico porque assim, ajuda muito, né, tanto na vida da gente como na vida da criança e a gente a lidar com a criança também, né, porque por mais que a gente pesquise mas a gente nunca sabe de tudo, então a gente aprende muito uma com a outra.” (mãe 1).

“Seria positivo tanto para mim quanto para ela, porque eu tive que descobrir como lidar com ela em diversas situações. Talvez se eu tivesse suporte psicológico, um suporte emocional pra ser orientada de que forma lidar em algum momento ou em algum momento de crise, momentos de perguntas que eu não sei responder justamente relacionadas a socialização seria muito interessante. E eu também sou mãe de outra criança que não é

especial e em algumas situações assim eu tenho muita dificuldade. Porque eu não tenho como dar o mesmo tratamento para as duas porque uma querendo ou não é diferente da outra e isso me abala demais. E às vezes a me cobra “poxa mãe por que você age assim com a Maria [nome fictício] e não é assim comigo” então isso é um peso muito grande também em cima de mim.” (mãe 2).

Smeha e Cezar (2011), também constataram que é fundamental uma rede de apoio e a qualidade de suporte para essas mães, colocando o trabalho da psicologia importante não somente no atendimento dos filhos com autismo, mas também das mães e familiares que assumirão a prática do dia-a-dia, tornando a experiência da maternidade menos sofrida. A rede de apoio a essas mulheres, que pode ser composta por marido, avós, equipes especializadas, outras mães com as mesmas vivências e até mesmo a escola se mostra extremamente necessária ocupando um lugar para que elas sejam ouvidas (Ferreira et al., 2018). Portanto, uma rede de apoio bem estabelecida traria para essas mães o acolhimento e informações necessárias, que aliviariam seus sentimentos de solidão, sobrecarga emocional, entre outros presentes em suas rotinas.

Na análise de terceira categoria, que refere as dificuldades do dia a dia, observamos que receber o diagnóstico pode causar diversas reações e sentimentos das mães com filhos(as) com TEA. O estresse vivenciado pelos pais apresenta risco maior para a diminuição da qualidade de vida. Analisando as respostas das mães quando questionadas sobre a consequência da falta de apoio, vimos relatos de estresse, de falta socialização, falta de estrutura, de auxílio e o isso interfere tanto na saúde da mãe quanto na saúde do filho(a).

" Assim, é...olha, no caso aí o estresse, esquecimento...que no caso não só eu, outro dia mesmo eu tive com uma colega também mãe de autista que me relatou que ela assim...ela fala que a memória dela tá muito ruim e que esquece muito das coisas, portanto ela mesmo comentou comigo que ela veio trazer o menino dela na escola...ela tava conversando comigo na minha casa aqui que a escola é perto, aí ela saiu com a criança e deixou a mochila em casa." (Mãe 1).

“Nos sentimos muito sozinhos, temos poucos amigos e não temos muito com quem nos abrir...” (Mãe 2).

“Como eu já havia dito, a falta de orientação dificulta muito no tratamento, na socialização, no dia a dia. É difícil cuidar de alguém quando não se tem suporte e orientação. Mas eu sempre busco me orientar e ter conhecimento.” (Mãe 3).

A sobrecarga vivenciada pelas mães em função das exigências, cuidados e tarefas peculiares que precisam exercer na atenção ao filho com TEA pode colocá-las em maior risco de desenvolver estresse crônico, depressão e ansiedade (OWSON; HWANG, 2001). Diante da análise observamos que as mães já apresentam esses sinais na fala delas, um sentimento de solidão que acaba sendo um fator de risco para a depressão.

Em seguida, quando perguntado sobre a questão da conciliação do trabalho com os cuidados dos filhos, as mães 1, 2 e 3 relataram encontrar dificuldades para manter de forma harmoniosa os dois âmbitos.

“...no caso do trabalho, me sinto sempre em falta, parece que meu trabalho nunca está perfeito, pois tenho que faltar às vezes para levá-lo ao médico, quando fica doente, etc. Isso me deixa desconfortável em meu ambiente de trabalho.” ( Mãe 2).

“ Olha, é...sim, interfere sim porque no caso eu tive, né, igual eu trabalhava e tive que sair do emprego por causa dele, né, porque ele estava tendo as dificuldades em casa..” (Mãe 1).

“...e em questão profissional, interfere também, porque assim como eu falei eu não tinha suporte, então assim, eu tinha que trabalhar cuidando da minha filha, eu tinha que dar um jeito e é muito difícil...” (Mãe 3).

Para Segeren e Françoso (2018) as mães se veem obrigadas à abandonarem o emprego para se dedicarem ao filho, relatando um prejuízo em sua vida social e na carreira profissional. Considerando que ser mãe é uma benção, um privilégio e a mãe ama o seu filho(a) incondicionalmente, porém, após receber o diagnóstico de Espectro Autista a grande maioria das mães deixam de trabalhar fora e outras encontram dificuldades para conciliar o trabalho e a maternidade, modificando suas relações pessoais e profissionais.

Conforme expressam a mãe 1 e a mãe 2, a rotina de cuidados é difícil e cansativa, portanto as relações sociais também sofrem modificações.

“[...] E nas relações sociais também acaba afetando porque as vezes de repente eu quero sair, ir em algum lugar com ele mas é um dia que já não está muito bem, não acorda muito bem, que ele tá nervoso...aí as vezes eu evito de sair porque eu sei que de repente ele pode ter uma crise, ele pode...dá as frustrações...ele pode ficar desorganizado dependendo do lugar, né, que a gente for se tiver muito barulho, né [...] (Mãe 1).

“Com certeza, como já disse, não temos vida social, não saímos para nos divertir, temos poucos amigos que se sujeitam a dividir o tempo com um casal com um filho tão “problemático” ...” (Mãe 2).

O transtorno traz, além das consequências para a pessoa em sofrimento psíquico, influência na situação social de todo o grupo familiar e pode gerar um rompimento nas atividades sociais normais (CONSTANTINIDIS; SILVA; RIBEIRO, 2018). Não é só a vida profissional que é deixada de lado, mas as relações sociais, e até mesmo as relações afetivas sofrem modificações, tudo para cuidar da rotina dos filhos e auxiliá-los em seu desenvolvimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através desta pesquisa, conclui-se que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta diretamente tanto a realidade das crianças, quanto de suas famílias, principalmente as mães, que afirmaram serem as principais responsáveis pelos cuidados diários de seus filhos, bem como de suas rotinas e acabam ficando sobrecarregadas física e mentalmente, como pode-se observar nos relatos das mães a respeito de suas redes de apoio, que por vezes se fazem ausentes ou mesmo quando há a mesma, torna-se insuficiente devido à grande responsabilidade que recai sobre as mães, gerando muitas vezes sentimentos de insegurança, estresse e solidão. O que as leva à necessidade de acesso a intervenções de apoio psicológico, que como apresentado, as mesmas não o possuem. Dessa forma, percebe-se, pois, a insuficiência do acesso das mães aos apoios multidisciplinares e isso se dá, muitas das vezes, pela falta de suporte profissional e de um acompanhamento de qualidade de algumas instituições como APAE, por exemplo, citado por uma das mães entrevistadas.

Em face da realidade vivenciada pelas práticas maternas, faz-se necessário considerar o papel da psicologia como primordial para intervir e atender às mães, famílias e às crianças autistas de forma a respeitar as singularidades de cada um, e propor atividades que sejam eficazes no tratamento das crianças e em estratégias de direcionamento para as mães lidarem com situações conflitantes que possam, eventualmente, surgirem. Pois é imprescindível uma rede de apoio social disponível para suprirem as necessidades e dúvidas advindas dos contextos vividos pelas mães, que são diversos e únicos, e assim, formar um vínculo seguro para a mãe e para o filho(a).

Portanto, as experiências relatadas levam à percepção da carência de informações da sociedade local quanto ao conceito de autismo e suas implicações na vida da pessoa diagnosticada e sua família, o que leva a propagação de conceitos pré-estabelecidos a respeito do mesmo, e coloca a família em situações de constrangimento e exclusão. Sendo assim, nota-se a indispensável necessidade de conscientização e busca por informações a respeito do autismo e de formas de lidar com pessoas com TEA à população, aos pais, às famílias e até mesmo aos profissionais que muitas vezes não estão preparados para atender às solicitações que são apresentadas. E para que isso ocorra, é necessário um comprometimento por parte dos profissionais responsáveis por prestar suporte a essas famílias em buscar constantemente por informações e transmiti-las à comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Tainá Mani. **Maternagem e Espectro do Autismo: Um estudo de caso com narrativas**. Universidade de Brasília instituto de psicologia, Brasília, novembro de 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/43028>

ANDRADE, Aline Abreu e; TEODORO, Maycoln Leôni Martins. Família e Autismo: Uma Revisão da Literatura. **Contextos Clínicos**, v. 5, n. 2, julho-dezembro 2012. Disponível em [revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2012.52.07/1212](http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2012.52.07/1212)

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** (5. ed). Porto Alegre: Artmed. 2014.

BRASIL. **Lei nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Disponível em: <[https://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2013/06\\_jun\\_14\\_publicada\\_resolucao.html](https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2013/06_jun_14_publicada_resolucao.html)>

BUENO, Luana Ribeiro; COUTO, Priscila Lauz; RODRIGUEZ, Rita de Cássia Morem Cossio. A importância do cuidado à família no TEA. **Revista eletrônica Humanitaris**, v. 2, n. 02, p. 39 – 53, 2020. Disponível em: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/revistahumanitaris/article/view/422/231>

CHRISTMANN, Michele; MARQUES, Mariana Amaro de Andrade; ROCHA, Marina Monzani da; CARREIRO, Luiz Renato Rodrigues. Estresse materno e necessidade de cuidado dos filhos com TEA na perspectiva das mães. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.** v.17 n.2 São Paulo dez. 2017. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-03072017000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072017000200002)>

CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; SILVA, Laila Cristina da; RIBEIRO, Maria Cristina Cardoso. Todo Mundo Quer Ter um Filho Perfeito”: Vivências de Mães de Crianças com Autismo. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 23, n. 1, p. 47-58, jan./mar. 2018. Disponível em: <

CRUZ, Ana Caroline Bonato da; MONETTO, Maria de Fátima Joaquim; WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj; OLIVEIRA, Lurdes Fabricio de; PERON, Cassandra Fontoura Fiore. “ É tão difícil alguém vestir nossos chinelinhos”: relatos de mães de crianças com TEA. **Revista de Psicologia**, n. 1, p. 85 – 96, 2021. Disponível em: <https://dehesa.unex.es/handle/10662/13167>

FERREIRA, Marilise; SMEHA, Luciane Najar. A experiência de ser mãe de um filho com autismo no contexto da monoparentalidade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 462-481, ago. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/9303>>

FIGUEIREDO, Samara Leite de; RANGEL, Jamaíra Macêdo Soares; LIMA, Maria Nailê Cândido Feitoza de. O diagnóstico do transtorno do Espectro Autista e suas implicações na vivência da família. **Revista Amazônica LAPESAM/GMPEPPE/UFAM**. v. 25, n. 2, p.93-107, jul-dez, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/7765>

<https://www.scielo.br/j/psuf/a/M8DXRCRGP6Rc6k7ZdCPMjQv/?lang=pt&format=pdf>

LOVATO, Jessica Caroline; BUENO, Lucimara dos Santos; GAEDICKE, Isis Aline Lourenço de Souza. Atuação do fonoaudiólogo na equipe multidisciplinar no diagnóstico do transtorno do espectro autista: revisão de literatura. **XVI Jornada Científica dos Campos Gerais. Ponta Grossa**, 24 a 26 de outubro de 2018. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pe/a/gwxcsysmPLNgcMXsc7cf6cb/?format=pdf&lang=pt>

MACHADO, Mônica Sperb; LONDERO, Angélica Dotto, PEREIRA, Caroline Rubin Rossato. Tornar-se família de uma criança com Transtorno do Espectro Autista. **Contextos Clínicos**, v. 11, n. 3, Setembro-Dezembro 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198334822018000300006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198334822018000300006)

MORAES, Anna Victória Pandjarjian Mekhitarian; BIALER, Marina Martins, LERNER, Rogério. Clínica e pesquisa do autismo: Olhar ético para o sofrimento da família. **Psicol. estud.**, v. 26, e48763, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/QLHxBsqqcRpn8B3M4qJMsGP>.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz, *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Rev Gaúcha Enferm.** v.37, n.3, 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rngen/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?format=pdf&lang=pt>

SEGEREN, Leticia; FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos. As vivências de mães de jovens autistas. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 19, n. 1, p. 39-46, jan./mar. 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pe/a/gwxcsysmPLNgcMXsc7cf6cb/?format=pdf&lang=pt>

SILVA, Eliene Batista Alves da; RIBEIRO, Maysa Ferreira M. Aprendendo a ser mãe de uma criança autista. **Estudos, vida e saúde** v. 39, n. 4, p. 579 - 589, Goiânia, out-dez 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/2670/1632>

SMEHA, Luciane Najar ; CÉSAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 43-50, jan./mar. 2011. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pe/a/QypM8WrpBcGX9LnwfvqgWpK/?format=pdf&lang=pt>

SOUZA, Rozana Aparecida; SANTOS, Joseane de Almeida; SILVA, Juliana, SOARES, Stéfany Almeida et al. Uma reflexão sobre as políticas de atendimento para as pessoas com transtorno do espectro autista. **Cadernos UniFOA**, Volta

Redonda, n. 40, p.95-105, agosto 2019. Disponível em:  
<<https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/view/2811>>

VIEIRA, Jéssica Keylly da Silva. **Maternagem azul: percepção de mães acerca do transtorno do espectro autista**. SISTEMOTECA – Sistema de Bibliotecas da UFCG Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, Cajazeiras – PB, 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/11571>